

TOP 10 DE FICÇÃO DO NEW YORK TIMES

Stefan Hertmans

Guerra e Terebintina

Um romance maravilhoso sobre memórias,
arte, guerra e amor.



D. QUIXOTE

Na recordação mais remota que guardo do meu avô, ele está numa praia em Oostende – um homem de sessenta e seis anos, impecável num fato azul-noite, abria com a pá azul do neto um buraco pouco fundo, nivelando a areia amontoadada em volta para que aí se pudesse sentar com a mulher, usufruindo de algum conforto. Também elevara um pouco o banco de areia atrás deles para que assim ficassem abrigados daquele vento de agosto que sopra sobre as ondas do mar, que retrocedem sob os véus de neblina. Tiraram as meias e os sapatos e, espalhando ao de leve os dedos dos pés, aproveitaram a frescura da areia húmida mais abaixo – aos meus olhos de criança de seis anos, o gesto chama a atenção por parecer frívolo neste casal invariavelmente vestido de preto, cinzento ou azul-escuro. Mesmo na praia, e apesar do calor, o avô mantém o chapéu preto na cabeça quase calva, enverga a camisa branca imaculada e, como sempre, o laço preto, um laço grande, maior do que os laços normais, e que, além disso, tem duas abas pendentes, pelo que, à distância, ele parece trazer a silhueta de um anjo de asas abertas abotoada à volta do pescoço. A minha mãe costurava esses laços peculiares segundo indicações do meu avô e, durante toda a sua longa vida, nunca o vi sem um desses laços pretos, com abas como os casacos de fraque; deve ter tido dezenas e ainda há um por aí, algures entre os meus livros, relíquia de uma época longínqua e perdida.



Passada meia hora, o meu avô acabou por tirar o casaco, removendo a seguir os botões de punho em ouro, que guardou no bolso esquerdo; depois, chegou até a arregaçar as mangas da camisa ou, melhor dizendo, a dobrá-las esmeradamente duas vezes até mesmo abaixo do cotovelo, cada dobra da largura exata do punho engomado; e agora está sentado com o casaco, cujo forro brilha à luz da tarde, primorosamente vincado e pendurado sobre o braço esquerdo, como se posando para um retrato impressionista. O seu olhar parece perder-se no formigar de pessoas ao longe, as crianças a gritar, a chapinhar e a molhar-se, os banhistas perseguindo-se uns aos outros numa alegre risota, como se fossem de novo crianças. O que vê assemelha-se a uma pintura de James Ensor posta em movimento, embora odeie a obra do blasfemo pintor de Oostende com o seu nome inglês. Ensor é um troca-tintas, e troca-tintas é, ao lado de ignorante e rasca, a pior censura que o meu avô pode dirigir a alguém. Os pintores dos dias de hoje são uns borradores, já não têm

qualquer noção do refinamento dos grandes mestres, das sutilezas do antigo e nobre ofício de pintar. Dão umas pinceladas sem nexos, deixaram de respeitar as leis da anatomia, nem sequer sabem como aplicar uma velatura, nunca mais misturaram eles próprios a tinta, utilizam terebintina como se fosse água, ignoram os segredos do pigmento esmagado à mão, do refinado óleo de linhaça ou o gesto de se soprar o secante – não é de admirar que já não existam grandes pintores.

O vento está a ficar mais fresco, ele tira os botões de punho do bolso do casaco, desenrola as mangas, abotoa a camisa de forma apropriada, veste o casaco e, solícito, ajuda a mulher a ajeitar a mantilha de renda preta pousada sobre os ombros e sobre o luzente carrapito cinzento-escuro. Anda, Gabrielle, diz ele, e levantam-se, levando os sapatos na mão e encetando com algum custo a subida até ao passeio marítimo, ele com as calças ainda subidas uns quinze centímetros, ela com as meias pretas enroladas nos sapatos, de modo que distingo as quatro barrigas das pernas por baixo dos torsos escuros a mexerem-se lenta e compassadamente sobre a areia. Caminham na direção da escadaria de pedra azul por onde podem ascender ao passadiço. Aí, irão sentar-se no banco mais próximo para limpar os pés, sacudindo-os e esfregando com determinação, puxar as meias pretas pelos pés de alabastro acima e atar os sapatos com aquilo a que, na altura, chamavam cordões em vez de atacadores.

Eu próprio, depois de a minha construção de castelos e galerias ter ruído por ação dos grandes berlindes de pedra – as minhas acarinhadas bazucas –, fui, a tremer, ter com a minha mãe. O mar volta sempre a subir, diz ela, esfregando-me para me aquecer enquanto as primeiras nuvens aparecem por cima das dunas atrás de nós. O vento varre o topo da duna como se, soprando, lhe despenteasse os cabelos e aquela grande criatura cor de areia fincasse pé, preparando-se para a noite que aí vem.

O meu avô já empunha a reluzente bengala de ulmeiro, esperando com uma leve impaciência que cheguemos todos

ao passadiço. E então assume a dianteira; não é alto, um metro e sessenta e oito, ouço-o dizer frequentemente, mas por onde quer que vá as pessoas abrem caminho. A cabeça erguida, as botas pretas engraxadas até à perfeição, um vinco acentuado nas calças, a mulher taciturna pelo braço e a bengala na outra mão – assim vai à nossa frente, algo impaciente, olhando para trás de vez em quando, avisando que vamos perder o comboio se continuarmos a deambular tão pachorrentamente. Ele caminha como um militar aposentado, o que quer dizer que não bate os calcanhares à bruta, mas pousando sempre primeiro a planta do pé, como um soldado deveria, um hábito com mais de meio século. Depois, de uma maneira ou de outra, desaparece-me da vista na memória, e sinto-me tão cansado que podia adormecer logo ali, vencido pela nitidez da cena.

*

Sem qualquer espécie de transição, a próxima imagem que tenho dele é a de um homem a chorar em silêncio – está sentado à mesinha onde pintava e escrevia, vestindo a sua bata cinzenta, com o chapéu preto na cabeça. A luz amarela da manhã entra pela pequena janela ladeada de vinha-virgem; nas mãos segura uma das muitas reproduções que rasgava amiúde de livros de pintura e usava para pintar cópias (fixava a reprodução numa placa que depois prendia à sua paleta com a ajuda de dois pinos de madeira). Segura a reprodução nas mãos e não consigo perceber o que é mas vejo lágrimas correrem-lhe pela face enquanto murmura algo quase silencioso. Subi os três degraus que me conduziam à sua salinha para lhe contar que desenterrara o esqueleto de uma ratazana; agora retiro-me, rápida e silenciosamente, os meus passos abafados pelo tapete nos degraus, volto a fechar a porta. Mas mais tarde, enquanto o meu avô bebe café lá em baixo, subo sorrateiramente à salinha e encontro a imagem na sua mesa: é o retrato de uma mulher nua de costas para o observador, uma mulher esbelta com cabelo escuro, deitada numa espécie de sofá ou cama semioculta por

um cortinado vermelho, a expressão contemplativa do seu rosto é visível num espelho que lhe é mostrado por um querubim de fita azul no ombro; está nua, é magra, de nádegas redondas e proeminentes. A seguir, o meu olhar desloca-se para os ombros delicados, o fino cabelo encaracolado em redor da nuca, depois novamente para o seu traseiro, virado quase obscenamente para o observador. Chocado, pouso a imagem, desço e encontro o avô na cozinha. Está junto da minha mãe e canta uma canção francesa de que se lembra do tempo da guerra.

*

Os anos da minha infância foram invadidos pelas suas histórias da Primeira Guerra Mundial, sempre a guerra e nada além dela: um vago heroísmo em campos lamacentos debaixo de uma chuva de bombas, o estralejar de tiros de espingarda, vultos aos berros na escuridão, ordens gritadas em francês – e tudo enfatizado com grande expressividade a partir da sua cadeira de baloiço; além disso, havia sempre arame farpado, estilhaços passando rente às orelhas, metralhadoras troantes, *very lights* traçando arcos altos pelo firmamento escuro, tiros de morteiro e obuses, mil milhões de raios e coriscos, enquanto as minhas tias, bebericando o chazinho, anuíam beatamente e eu retinha pouco mais do que a sensação de que o meu avô teria sido um herói em tempos tão remotos que se aproximavam da Idade Média de que ouvia falar na escola. Para mim, um herói já ele era: dava-me aulas de esgrima, afiava o meu canivete, ensinava-me a desenhar nuvens passando ao de leve com a borracha pelos contornos anteriormente esboçados com um pedaço de carvão da lareira, ou a representar as inúmeras folhas de uma árvore sem ter de desenhá-las todas, uma a uma – o verdadeiro segredo da arte, como ele dizia.

As histórias eram para ser esquecidas, porque afinal voltariam sempre, até as mais estranhas, aquelas sobre arte e seus artistas. Que o velho Beethoven trabalhou tão obcecadamente na sua *Nona Sinfonia* porque estava surdo, já eu sabia, mas a isso

acresceu, certo dia, o detalhe desconcertante de que nem se dava ao trabalho de usar a casa de banho quando estava a compor, fazendo por isso as necessidades ao lado do piano, de maneira que – cito – «criara aquele belo hino sobre os homens que se tornaram irmãos sentado ao pé de um monte de esterco». Assim, imaginava o grande compositor surdo como uma porta, num ambiente caseiro vienense de capiteis dourados, de peruca farta, polainas e botas, sentado ao lado de uma imponente pilha de excrementos. E sempre que soava o adagio da belíssima *Sinfonia Pastoral*, numa daquelas longas e fastidiosas tardes de domingo em que os meus pais e avós dormitavam no sofá castanho estampado de flores junto ao rádio, eu imaginava uma montanha de merda ao lado de uma espineta de verniz brilhante enquanto ao longe, no Wienerwald, soava o cuco, fazendo-se ouvir por entre os instrumentos de sopro e os violinos, e o meu avô mantinha os olhos cerrados: a sua veneração por aquele génio romântico, em que acreditava piamente, não lhe permitia nestes momentos encarar a vulgaridade dos seus familiares. Só muitos anos depois me dei conta de que ele próprio, durante cerca de ano e meio, vivera efetivamente ao lado de um monte de esterco – nas miseráveis trincheiras, onde, mal uma pessoa pusesse a cabeça de fora para ir fazer as necessidades noutro sítio, era punida com uma bala no crânio. Assim, o que o meu avô queria esquecer voltava sempre, em retalhos nas suas histórias ou em pormenores absurdos; e, quer se tratasse do céu ou do inferno, eram estas as peças do quebra-cabeças que eu tinha de encaixar para perceber o que se passara dentro dele durante toda a vida: a luta entre o sublime, pelo qual ansiava, e a memória da morte e da destruição, que continuava a obcecá-lo.

*

Em casa, o meu avô vestia invariavelmente aquilo a que chamava *batas* – uns guarda-pós curtos, sempre iguais, em branco ou cinzento-claro, do comprimento de um antiquado roupão – sobre a camisa branca com o laço. Por mais que a minha mãe e

a mãe dela lavassem e corassem as velhas batatas de algodão que ele até ostentava com uma certa elegância, estas continuavam cheias de manchas coloridas: borrões dispersos de tinta a óleo de todas as cores do arco-íris, dedadas a torto e a direito, uma composição feita de pinceladas inopinadas e intrigantes, um *graffiti* libertino que era o vestígio do trabalho a sério.

Esse trabalho a sério, que podia praticar sem interrupções desde os quarenta e cinco anos devido à reforma antecipada por invalidez resultante da guerra, era pintar por prazer. A salinha do andar superior, onde passava dia após dia diante da pequena janela, cheirava a óleo de linhaça, terebintina, linho e tinta a óleo. Até o cheiro dos grandes pedaços de borracha, que cortava à medida com uma faca, eram discerníveis na singular mistura de perfumes que compunha a atmosfera e dava encanto às intermináveis e silenciosas horas que dedicava à zelosa e infrutífera imitação dos grandes. Era um excelente copista e conhecia todos os segredos dos materiais e preparados antigos, aplicados e transmitidos pelos pintores desde o Renascimento. Depois da guerra, tinha frequentado, na cidade natal, cursos noturnos de desenho e de pintura, por mais que o falecido pai, pintor de frescos em igrejas e capelas, lho tivesse desaconselhado. Embora naquele tempo ainda se fizesse trabalho manual pesado, insistiu e, pela altura em que já teria passado a idade casadoira, tinha na sua posse um «certificado de aptidão para a pintura e o desenho anatómico».

Da sua janela, conseguia ver uma curva do rio Escalda, os prados cobertos de vacas pachorrentas, as barcaças carregadas a passarem lentamente pela madrugada e os barcos vazios, mais rápidos, que abandonavam a cidade ao fim da tarde. Pintou aquela vista inúmeras vezes, havia sempre uma luz distinta e tonalidades diversas consoante a altura do dia, a estação do ano, o estado de espírito. Pintava cada folha da trepadeira, uma vinha-virgem vermelha, segundo a sua própria natureza – aparentemente, a arte às vezes abria exceções à sua grande lei da ilusão – e, quando copiava um pormenor de Ticiano ou Rubens, sabia praticar a paciência, no esboço preciso a carvão

ou a grafite, nos segredos da combinação de cores, no diluir dos pigmentos, no esperar apenas o tempo suficiente para que uma primeira camada secasse e pudesse colocar por cima uma segunda que desse a impressão de profundidade e transparência – outro dos muitos segredos da arte.

A sua grande paixão era a pintura de copas de árvores, de nuvens e de tecidos pregueados. Nestas formas informes podia dar largas à imaginação, perdendo-se, como num sonho, num mundo de claro e escuro, *chiaroscuro*, de nuvens aprisionadas em tinta a óleo, um mundo onde as pessoas não entravam, porque havia algo nele – e era difícil perceber o quê – que se tinha quebrado. Apesar do seu entusiasmo e generosidade, na companhia de outros tornava-se esquivo e tímido, como se receasse que se aproximassem demais por ter sido excessivamente cordial. Ao mesmo tempo, emanava dele uma forma mais elevada e nobre de candura: era dotado de uma ingenuidade que se revelara o âmagô do seu bom humor. O seu casamento com Gabrielle parecia idílico para quem não soubesse mais. Entrelaçados como duas velhas árvores que tiveram de crescer através das copas uma da outra, numa luta pela luz escassa, viviam os seus dias com simplicidade, apenas interrompida pela alegria aparentemente frívola da única filha. Os dias desapareciam nas pregas distraídas do tempo. Ele pintava.

A salinha no andar superior, que servia de ateliê e a que se acedia subindo três degraus a partir do pequeno patamar, era também o quarto de dormir do casal – é inacreditável a naturalidade com que antigamente as pessoas aceitavam dispor de pouco espaço. Atrás da mesinha de trabalho ficava a cama, ao longo de uma parede a que a sua mulher se encostava durante a noite; apesar de a cama ser estreita, ela dormia sempre longe dele. Pregas de tecido e nuvens, copas de árvores e água. O melhor da sua obra vincadamente tradicional continha sempre umas manchas informes, estranhas massas abstratas que ele considerava sinais de fidelidade à natureza,

como se estivesse a pintar pelo modelo que Deus desenrolava diante dos seus olhos, servindo-se para isso da meticulosa paciência que regia o seu trabalho diário de humilde copista. Mas era também um tributo que diligentemente prestava, a sua forma de lamentar a morte precoce do pai, Franciscus, o humilde pintor de igrejas.

*

Por mais de trinta anos conservei, sem nunca os abrir, os cadernos em que o meu avô inscrevera meticulosamente as suas memórias de antes e depois da guerra, na distinta caligrafia que o caracterizava; deu-mos alguns meses antes da sua morte, em 1981, tinha na altura noventa anos. Ele nascera em 1891 e era como se a sua vida não tivesse sido mais do que a troca de dois algarismos num número. Entre estas duas datas estavam duas guerras mundiais, genocídios catastróficos, o século mais implacável de toda a história da humanidade, o apogeu e declínio da arte moderna, a expansão mundial da indústria automóvel, a Guerra Fria, a ascensão e queda das grandes ideologias, a popularização do telefone e do saxofone, a síntese laboratorial da baquelite, a industrialização, o desenvolvimento da indústria cinematográfica, o plástico, o *jazz*, a indústria aeronáutica, a primeira alunagem, a extinção de inúmeras espécies animais, as primeiras grandes catástrofes ambientais, a penicilina e o desenvolvimento dos antibióticos, o Maio de 68, o primeiro relatório do Clube de Roma, o *rock'n'roll*, a invenção da pílula, a emancipação da mulher, a popularização da televisão, os primeiros computadores – e a sua longa vida como herói de guerra esquecido. Foi essa vida que ele me pediu para relatar ao confiar-me aqueles cadernos. Uma vida que abarca quase um século e que começou num planeta completamente diferente. Um planeta de aldeias, estradas rurais, transportes feitos em carroças puxadas por cavalos, candeeiros a gás, tanques para lavar a roupa, pagelas de santos, mobiliário antiquado, um tempo no qual as mulheres eram idosas aos quarenta anos, uma

época de padres onnipotentes que cheiravam a charuto e roupa interior por lavar, de meninas burguesas rebeldes aprisionadas em conventos, uma era de seminários, de decretos episcopais e imperiais. Um tempo que iniciou a sua longa agonia quando Gavrilo Princip, um pequeno sérvio enxovalhado, esfarrapou a bela ilusão da velha Europa, em 1914, com um tiro nem sequer muito bem apontado ao arquiduque Francisco Fernando em Sarajevo, dando origem à calamidade que também o atingiria, bem como ao mundo todo – onde se inclui o meu pequeno avô de olhos azuis, determinando para sempre o curso da sua vida.

*

Tinha decidido começar a ler as memórias do meu avô apenas quando tivesse tempo e disponibilidade para isso, acreditava que a experiência seria de tal forma avassaladora que me encheria de uma ânsia incontável de escrever a história da vida daquele homem; por outras palavras, precisava de estar livre, com nada mais a que me dedicar senão ele, completamente. Mas os anos foram passando e aproximava-se inevitavelmente a comemoração do centenário do calamitoso ano de 1914, haveria por isso de surgir uma avalanche de livros – que se juntaria ao quase incomensurável montão de material histórico já existente –, livros em quantidades tão grandes como os sacos de areia na planície do rio Yser, romances e relatos zelosamente documentados, históricos e inventados; ao passo que eu, que dispunha do privilégio de possuir as memórias do meu avô, mantinha os cadernos escrupulosamente fechados, sem ousar sequer ler a primeira página, sabendo que a tarefa se iria tornar o meu ajuste de contas com uma parte da minha infância, uma história que, se não me apressasse, veria a luz do dia no momento em que o leitor, bocejando, desviaria a cabeça de mais um livro sobre aquela maldita Grande Guerra. Mantive os cadernos fechados, apesar de saber que se tratava de um relato primorosamente documentado, inequivocamente pertencente ao arquivo da Primeira Guerra Mundial; e, ainda

por cima, também sabia que, devido à minha escandalosa indolência, estava na verdade a calar um testemunho em primeira mão que deveria ser do domínio público. Por causa disso, apoderou-se de mim uma espécie de medo de fracassar que me bloqueava ainda mais. E, quando convoquei para o meu pensamento algumas das histórias como as tinha ouvido contar de viva voz pelo meu avô, só então me dando conta das circunstâncias e do enquadramento de muitas coisas, fui acometido por uma sensação de impotência e culpa. Perdia mais uma vez anos preciosos, continuando a ocupar-me com afincos de inúmeras outras coisas, mantendo-me bastante afastado dos cadernos: testemunhas silenciosas e pacientes, inscritas numa caligrafia distinta e cuidada que o caracterizava, como que guardadas num modesto relicário.

*

Nesses anos de adiamento e sentimento de culpa recalçada veio, porém, a revelar-se algo que só parecia tornar a questão mais urgente. Um tio meu, que veio ajudar o meu pai na substituição de algumas tábuas carcomidas do velho soalho da sala, na modesta vivenda que o meu avô mandou construir em 1930, encontrou no vão por baixo do salão, no recanto mais escuro, uma pedra tumular coberta de pó. Chamou o meu pai e os dois rastejaram para junto da pedra, iluminando o espaço com uma lanterna de bolso. Era a pedra tumular da mãe do meu avô. Porra, tens razão, foi aqui que a escondeu!, ouvi o meu pai dizer.

Arrastaram a pesada pedra até ao alçapão e ergueram-na. Ainda assim, não me dei conta do que aquilo significava: na altura o meu avô já tinha morrido há uma dezena de anos e eu não compreendia por que razão alguém esconderia uma lápide num sítio tão remoto, debaixo do soalho, ao que parecia convicto de que nunca mais veria a luz do dia. Vários anos depois, vi que o meu pai tinha pendurado a pedra com pesados ganchos de ferro a cerca de um metro do chão, num muro

do jardim entretanto coberto de heras, atrás da velha garagem onde antigamente guardava o carro. Só então li, com atenção e pela primeira vez, a inscrição:

PAZ À ALMA DE
CELINA ANDRIES
N. 9.8.1868
M. 20.9.1931

VIÚVA DE
FRANCISCUS MARTIEN

ESPOSA DE
HENRI DE PAUW



*

Os dois cadernos do meu avô estão pousados na mesa diante de mim. Um é pequeno e grosso, com as extremidades das páginas manchadas de vermelho. A capa é de linho cinzento-claro, como se vestisse um casaco de *tweed* do período anterior à guerra. O segundo caderno é maior, quase formato A4, e tem uma antiquada capa de cartão marmoreado, a fazer lembrar o *faux marbre* com que ele próprio adorava pintar as paredes. No primeiro caderno anotou as memórias da sua infância e adolescência pobres em Ghent, até 1900, e algumas das suas vivências da Primeira Guerra Mundial.

Tinha setenta e dois anos quando começou a escrever no primeiro caderno – está datado de 20 de maio de 1963 –, provavelmente para assim poder contar a alguém o que tinha deformado a sua vida, porque os familiares já estavam fartos de ouvir as suas histórias e desembaraçavam-se dele dizendo «já contaste isso muitas vezes», «estou cansado, vou dormir» ou «preciso de me ir embora». A sua mulher, Gabrielle, tinha morrido cinco anos antes; de uma maneira ou de outra, ao escrever completou o período de luto. A sua caligrafia firme quase não se altera neste primeiro caderno; a maioria das vezes escreve com tinta azul-noite, relatando as histórias com bonomia, uma profusão de recordações daquele tempo passado numa pardacenta cidade de província – ainda me consigo lembrar da sua caneta *Waterman* de tinta permanente pousada à sua frente, na mesinha oitocentista em que pintou sinuosos padrões na madeira, na esperança de assim lhe dar um toque de antiguidade. O tampo de mármore original deve ter-se partido e a mal-ajeitada tábua de madeira que o substitui ficou pequena demais. Passou anos a escrever sentado a essa mesinha, embora seja demasiado alta para ele e por isso a posição terá sido desconfortável. Essa mesma mesinha, cuja única gaveta está manchada de tinta a óleo de várias cores, encontra-se atrás de mim, na sala onde escrevo; é nela que ainda guardo os dois cadernos. O segundo caderno, que veio a escrever por sentir remorsos de ter descrito a pobreza humilhante da sua infância com tanto pormenor, abre com a explicação de que incluiu demasiados detalhes pessoais sem importância no

primeiro caderno e por isso tem de começar tudo de novo, mas desta vez limitando-se apenas às memórias da guerra. Além disso, o primeiro caderno já estava cheio na primeira metade de 1916.

Escreve: *Mais de metade do meu diário da guerra de 1914-1918 está ocupado com histórias aborrecidas da minha infância e páginas desinteressantes. Agora vou escrever apenas sobre a guerra, mas de modo verídico e sincero, e não para glorificá-la. Que Deus me ajude nisso. Serão somente as minhas vivências. O horror que vivi.*

Portanto, resumia algumas das histórias já contadas, acrescentando-lhes aqui e ali novos pormenores, para a seguir continuar até 1919. O segundo caderno contém algumas das cenas traumáticas ocorridas na planície do Yser, detalhes sobre os seus ferimentos, os períodos de convalescença em Inglaterra, a descoberta em Liverpool do fresco que fora tão importante para ele. Após 1916, o ano em que foi ferido por uma bala pela segunda vez, torna-se mais conciso, já que a descrição da vida imunda nas trincheiras não pode ser repetida vezes sem fim: matar ratazanas com as próprias mãos e grelhá-las num fogareiro à noite, os gritos de camaradas feridos, as manobras atamancadas na lama em que se atrapalham e espetam arame farpado nas mãos, o matraquear de salvas de metralhadoras, o silvo de granadas seguido do saltar e voar de terra e de membros despedaçados. No entanto, demora-se mais na descrição da sua terceira estada em Inglaterra, em Windermere, no Lake District. Nas últimas páginas deste segundo caderno, quando fala do acontecimento dramático que viveu um ano após a guerra, durante a epidemia da gripe espanhola de 1919, a sua caligrafia cuidada desintegra-se. No entanto, apesar dessa perda de disciplina, o seu tom de narrador permanece surpreendentemente contido. Agora, as linhas correm obliquamente pela folha, inclinando-se da esquerda para a direita; por vezes retoma a sua antiga e regular caligrafia, outras tudo começa a serpentear. Já devia ir bem avançado na casa dos oitenta quando gatafunhou laboriosamente as páginas finais. Nessa altura, escrevia com esferográficas de diversas cores e a sua vista tinha-se deteriorado muito; pelo que sei, no decorrer

das décadas em que o conheci, nunca chegou a comprar uns óculos novos, e provavelmente já não conseguia ver quase nada na folha sobre a qual se estava a atormentar. Dezassete anos de trabalho para um total de seiscentas páginas manuscritas. A sua memória ainda estava tão lúcida e tinha retido tantos pormenores que não encontro outra explicação senão que se tenha tratado de uma forma de lucidez traumática; os pormenores no segundo caderno, em comparação com o primeiro, atestam que vivia cada vez mais embrenhado nas trincheiras da sua memória. Durante toda a sua vida não conseguiu desligar-se dos pormenores, nem sequer de uma folha de árvore a deslizar ao cair da noite, no instante que antecedeu o momento em que encarou a morte de frente pela enésima vez, nem da imagem dos camaradas mortos, nem do cheiro da lama, do vento tépido a avançar pelos campos sulcados pela artilharia, dos farrapos de um cavalo desfeito pelos tiros e despedaçado numa sebe. A última folha tem uma mancha que parece resultante da infiltração de um líquido; há também um buraco onde, de um lado, se leem as palavras *noite* e, do outro, *pânico*.

*

Precisei de algum tempo para digerir o que tinha lido e depois comecei a numerar as páginas, anotando as cenas que se repetiam no primeiro e no segundo caderno. Demorei quase um ano a passar as suas memórias para o computador e, ao fazê-lo, fiquei com uma ideia de como os muitos eventos e histórias estavam inter-relacionados. Foi um trabalho árduo; por um lado, estava em desvantagem porque me era impossível imitar-lhe a mescla de elegância antiquada com inabilidade e autenticidade sem cair em maneirismos; por outro, porque, ao transpor a sua prolixa maneira de contar para uma linguagem contemporânea, ficava com a sensação de estar a traí-lo. Até a correção dos seus enternecedores erros de ortografia me provocava um leve sentimento de culpa. Essa tarefa colocou-me perante a dolorosa verdade por detrás de qualquer obra

literária: tinha de recuperar primeiro a história autêntica e de me desprender dela para poder reencontrá-la à minha maneira. Mas o tempo urgia, e algures na minha cabeça tinha-se aninhado a convicção de que tinha de acabar esta obra antes da comemoração do centenário da Primeira Guerra Mundial, a guerra dele. A minha luta com a sua memória.

Qual escriturário, fui transcrevendo as centenas de páginas manuscritas, maldizendo o meu próprio estilo medíocre, resultado da tentativa ambígua de lhe ser fiel e, simultaneamente, traduzir a sua história para a minha própria experiência. A seguir, elaborei um índice de cenas e palavras-chave, fiz uma lista das localidades que tinha de visitar e fotocopiei os cadernos por medo de se perderem, guardando-os depois num cofre bancário à prova de fogo; falei com os poucos sobreviventes que restavam, que apenas me adiantaram um ou outro detalhe, incerto e hesitante. Ao meu pai, seu genro, que é agora o único habitante da casa à beira-rio, pedi por sua vez que anotasse tudo aquilo de que ainda se lembrava; ele, lúcido e enérgico nos seus noventa anos, ajudou-me a encontrar a cola de que eu precisava para juntar os fragmentos, a confrontar as versões apócrifas que o meu avô andara a espalhar à discrição durante décadas, ensinando-me a ver as coisas nas suas devidas proporções.

*

Quando olho para a velha mesinha atrás de mim, vislumbro um pequeno vulto atarracado de onde emana uma intensidade descomunal. Os olhos azuis-claros do meu avô, mais de trinta anos após a sua morte, brilham no rosto coroadado de ralos cabelos brancos, fazendo lembrar o famoso retrato do velho Arthur Schopenhauer: personalidades de carácter forte que não mais poderiam existir, dizemos para nós mesmos, porque a vida perdeu a sobriedade espartana que lhes permitia amadurecer o temperamento e florescer. Consigo ainda ouvir-lhe os gritos, as contagiosas elevações do seu tom de voz, a tessitura das suas histórias, mas palavras ou frases específicas

já não existem. Perduram os aromas que se agarravam a ele: os odores de um antiquado pintor, a que se junta algo de indefinido, o cheiro dele, da sua existência física no mundo de outrora, distante do momento em que escrevo isto. Retirado no tempo como os vultos de mitos e histórias antigas, tornou-se tangível e concreto de uma maneira muito diferente, na forma de história íntima. E, quando ando à procura de vestígios da sua vida, na maioria das vezes sentindo um certo abandono porque quase tudo desapareceu, pergunto-me frequentemente o que é que nos une aos nossos avôs de um modo tão ambivalente. Será a ausência do conflito geracional entre pais e filhos? No abismo que nos separa dos nossos avós travamos a luta pela nossa singularidade, e a distância temporal faz-nos acalentar a ilusão de que aí se esconde uma verdade maior do que a que sabemos dos nossos pais. É uma ingenuidade grande e poderosa que nos estimula a querer conhecer.



*